

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

PANORAMA ECONÔMICO

Maio - Abril 2025



IBC-Br vem acima das estimativas do mercado

A análise da série do IBC-Br1 entre março de 2024 e março de 2025 indica uma **trajetória de crescimento econômico moderado**, com aceleração perceptível no primeiro trimestre de 2025, acima das estimativas do mercado. Os resultados de fevereiro (+0,33%) e março (+0,78%) de 2025 evidenciam uma **retomada mais consistente**, acompanhada por expansão nos principais setores da economia.

A **agropecuária destacou-se** como principal vetor de crescimento no período, registrando variações expressivas no início de 2025: +1,12% em janeiro, +2,25% em fevereiro e +2,59% em março. Esse desempenho atípico para o início do ano sugere **condições climáticas favoráveis e sustentação da demanda externa**, sobretudo asiática. O bom desempenho do setor primário contribui para os saldos comerciais positivos e alivia pressões cambiais, reforçando a renda agrícola.

No **setor industrial**, observou-se uma intensificação do ritmo de **recuperação nos primeiros meses de 2025**, após variações modestas ao longo de 2024. Os resultados de +0,48% em janeiro, +0,15% em fevereiro e +0,94% em março sinalizam melhora na confiança empresarial e resposta positiva à demanda doméstica, com possíveis impactos de investimentos em infraestrutura e consumo de bens duráveis. Apesar disso, persistem **obstáculos relacionados ao elevado custo do crédito e à exposição a choques externos**.

Gráfico nº 1 - Média móvel trimestral (dessazonalizada) do IBC-Br. De mar-24 a mar-25 - BCB.



O setor de **serviços**, embora com desempenho mais contido, **manteve crescimento positivo** no início de 2025, com altas mensais de +0,04% em janeiro, +0,17% em fevereiro e +0,53% em março. A expansão tem base no consumo das famílias e em segmentos específicos, como transportes e serviços financeiros. A resiliência do mercado de trabalho e a recuperação da massa salarial continuam a sustentar esse setor.

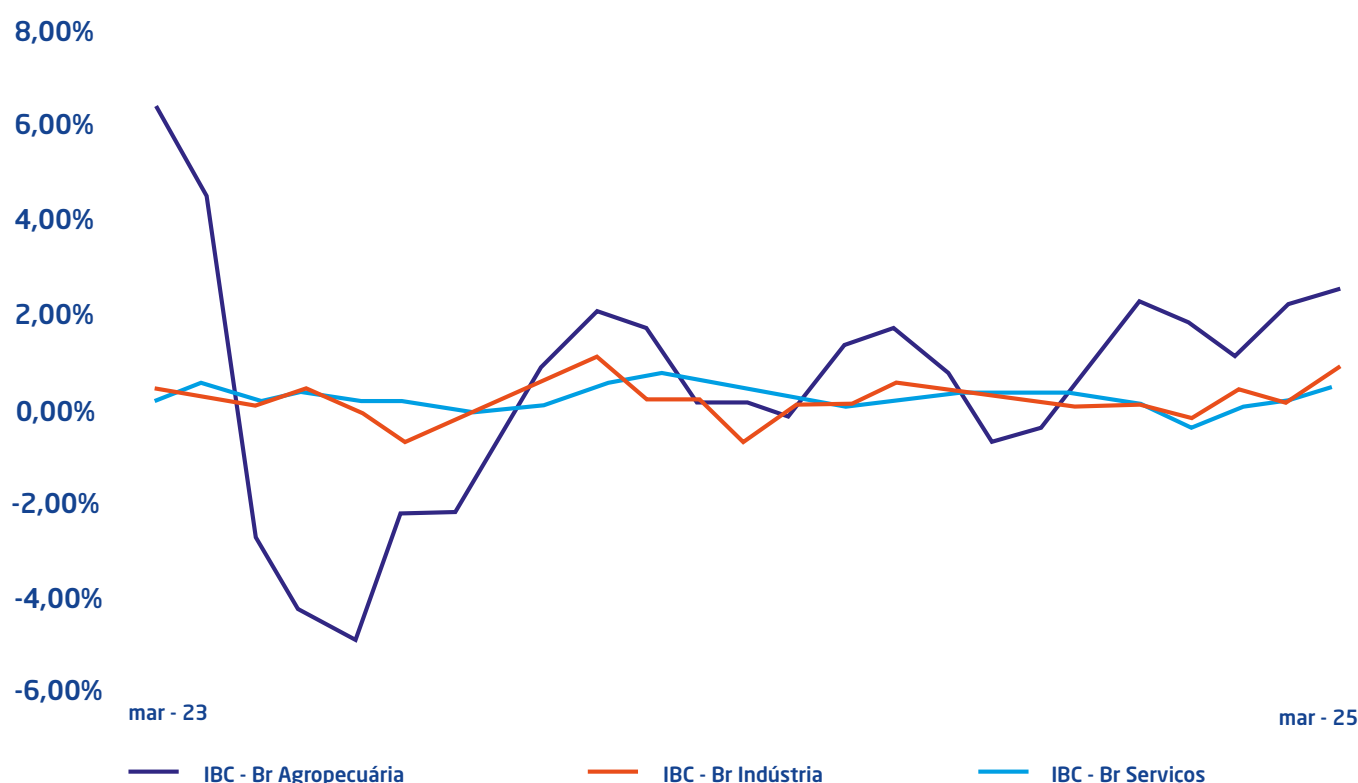
A **utilização da capacidade instalada (UCI)** na indústria permaneceu em 69% em abril de 2025, um ponto percentual abaixo do observado no mesmo mês de 2024. Embora inferior, o nível atual **supera a média histórica** para meses de abril anteriores, refletindo evolução mais favorável da produção e do emprego em 2025. No entanto, a passagem de março para abril foi marcada por **queda na produção e no número de empregados, comportamento típico do período.**

As **expectativas industriais**² para os próximos seis meses mostram-se **menos otimistas**, com previsões de redução na demanda, exportações, compras de insumos e contratações. A **intenção de investimento também segue em retração**, situando-se, em maio de 2025, abaixo do nível observado no mesmo mês de 2024.

Considerando o conjunto dos indicadores, **o crescimento do PIB em 2025 tende a ser moderado**, porém mais disseminado entre os setores, sustentado por fundamentos internos relativamente sólidos. O dinamismo do setor agropecuário e a reação positiva da indústria e dos serviços indicam **recomposição da atividade econômica após dois anos de choques externos e política monetária restritiva.** A manutenção dessa trajetória dependerá da condução das políticas macroeconômicas e da resposta às incertezas globais.



Gráfico nº 2 - Média móvel trimestral (dessazonalizada) do IBC-Br setorial no período de mar/23 a mar/25 - BCB.



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Entre os principais riscos, destaca-se a possibilidade de **manutenção da taxa Selic** em 14,75% por período prolongado, o que **restringiria o investimento produtivo e o consumo de bens duráveis**, dificultando a difusão do crescimento. O encarecimento do crédito, especialmente para pequenas e médias empresas, pode limitar sua contribuição ao emprego e à inovação.

No **cenário externo, medidas protecionistas** nos Estados Unidos, especialmente o tarifaço de Donald Trump, **podem comprometer o comércio internacional e afetar negativamente as exportações brasileiras e cadeias produtivas**. O risco de estagflação nos EUA, com baixo crescimento e inflação persistente, elevaria a aversão ao risco, encarecendo o financiamento externo e pressionando a taxa de câmbio, com impactos inflacionários no Brasil. Adicionalmente, uma **desaceleração mais acentuada da economia chinesa e europeia comprometeria o dinamismo global**, os fluxos de capital e os termos de troca.

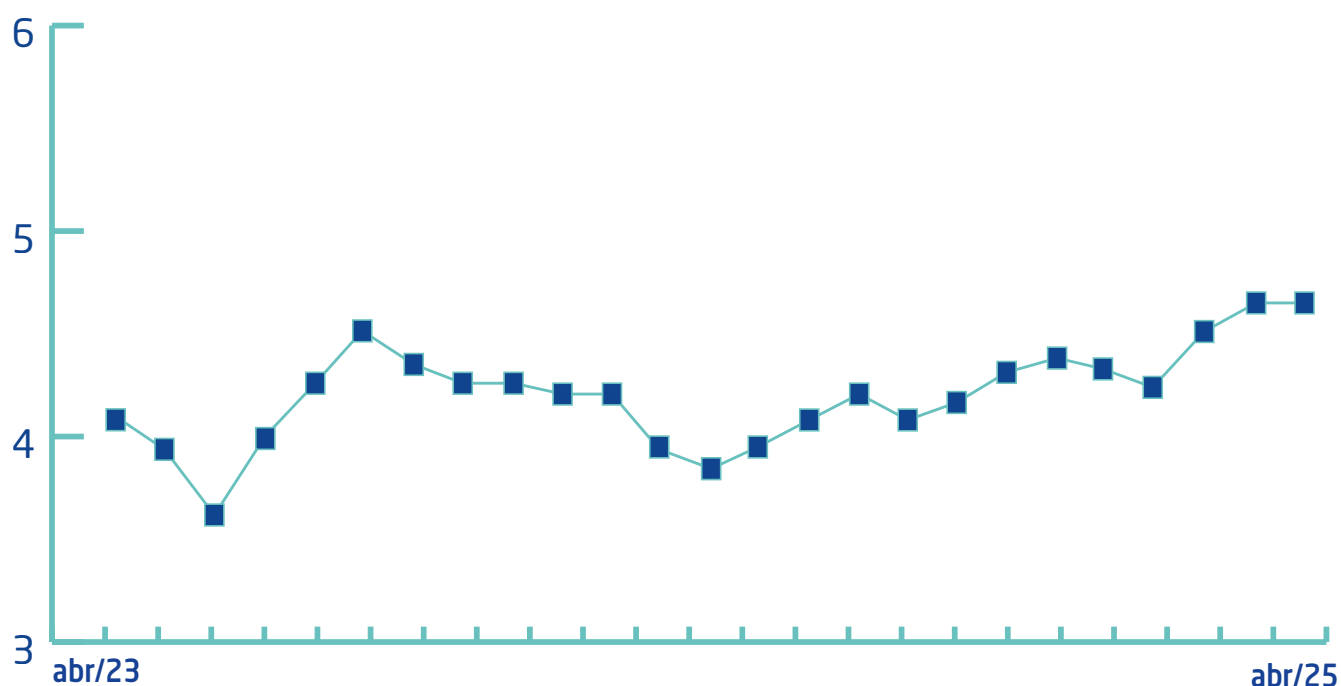
A capacidade do Brasil de sustentar o crescimento dependerá da articulação entre política monetária, fiscal e industrial, com ênfase em inovação e diversificação produtiva para mitigar os impactos externos. Em síntese, **os dados mais recentes são positivos, mas a sustentabilidade da expansão exigirá vigilância contínua** e respostas coordenadas diante de um ambiente internacional adverso.

BC sinaliza Selic em 14,75% *por período prolongado*

A decisão do Banco Central do Brasil (BCB)³ de sinalizar uma **pausa no ciclo de alta da taxa Selic** está fundamentada em um cenário macroeconômico complexo, caracterizado por múltiplos vetores de risco que afetam as perspectivas de inflação e crescimento. No plano externo, observa-se uma combinação de choques de tarifas e incerteza que, apesar de difíceis de quantificar, já têm provocado **mudanças perceptíveis no comportamento de consumo e investimento global**.

A intensificação das **tensões comerciais**, a deterioração das expectativas quanto ao crescimento da economia norte-americana e a elevação da aversão ao risco nos mercados internacionais **aumentam a incerteza e justificam maior cautela** na condução da política monetária doméstica, dado o potencial impacto sobre a taxa de câmbio e os preços internos.

Internamente, **a atividade econômica brasileira apresenta sinais de moderação**, em consonância com o cenário-base do Comitê de Política Monetária (Copom), que já incorporava uma desaceleração gradual como parte do processo de transmissão da política monetária contracionista. Embora ainda haja certa resiliência no mercado de trabalho e no consumo, observa-se uma **inflexão em importantes indicadores**, como o crédito às famílias e o comprometimento da renda com o serviço da dívida. O Comitê avalia que tais **efeitos**, embora ainda incipientes, **tendem a se aprofundar** nos próximos trimestres, **contribuindo para o reequilíbrio entre oferta e demanda** e, conseqüentemente, para a convergência da inflação à meta.

Gráfico nº 3 - IPCA: Acumulado de 24 meses (abr 23 a abr 25) - IBGE


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Outro fator relevante para a manutenção da **taxa Selic em patamar elevado**, mas sem novo aumento imediato, reside na desancoragem persistente das expectativas de inflação. O fato de essas expectativas estarem sistematicamente acima da meta em todos os horizontes temporais agrava o custo da desinflação e **exige postura firme da autoridade monetária**. Nesse contexto, uma elevação adicional da taxa básica poderia ter efeitos marginais reduzidos, ao passo que a manutenção da taxa já elevada por período prolongado pode se mostrar mais eficaz e menos disruptiva, considerando as defasagens inerentes à política monetária.

A política fiscal também figura como elemento crucial nesse diagnóstico. A percepção de fragilidade fiscal, o aumento de gastos obrigatórios, a expansão do crédito direcionado e o arrefecimento das reformas estruturais têm potencial de elevar a taxa de juros neutra da economia. Tais elementos comprometem a potência da política monetária e impõem custos adicionais ao processo de convergência inflacionária. O Copom reforça **a necessidade de coordenação entre política fiscal e monetária**, destacando que a previsibilidade e a credibilidade das políticas públicas são essenciais para reduzir o prêmio de risco e estabilizar as expectativas dos agentes econômicos.

Por fim, o comportamento recente da inflação corrente — com núcleos inflacionários elevados e inflação de serviços acima do compatível com o cumprimento da meta — reforça a narrativa de que pressões de demanda ainda estão presentes. O impacto da depreciação cambial, dos preços de alimentos e da inércia inflacionária também compõem um quadro adverso no curto prazo. Diante disso, **a pausa no ciclo de alta da Selic não representa uma inflexão da política monetária, mas sim uma estratégia de prudência**, diante da necessidade de avaliar com maior precisão os efeitos defasados das ações já tomadas. O BCB mantém, portanto, o compromisso com a meta de inflação, sinalizando que a política monetária continuará significativamente contracionista enquanto os riscos permanecerem elevados.



O Copom reforça a necessidade de coordenação entre política fiscal e monetária, destacando que a previsibilidade e a credibilidade das políticas públicas são essenciais para reduzir o prêmio de risco e estabilizar as expectativas dos agentes econômicos.



A produção industrial brasileira *em março de 2025*

A produção industrial brasileira avançou 1,9% no primeiro trimestre de 2025, abaixo dos 3,9% e 3,1% registrados nos dois trimestres anteriores, refletindo os efeitos da elevação dos juros e do crescente protecionismo global. Embora março tenha mostrado alta de 3,1% na comparação interanual e de 1,2% com ajuste sazonal, a desaceleração se espalhou por três dos quatro setores, e a proporção de ramos em retração subiu de 16% para 32%.

Bens de capital, após crescerem 14,2% no último trimestre de 2024, aumentaram apenas 5,2% no início de 2025 e foram o único macrossetor a registrar queda em março, com recuos de 0,7% frente a fevereiro (com ajuste sazonal) e de 0,2% em relação a março de 2024. **Bens de consumo duráveis mantiveram-se como o segmento mais dinâmico**, ainda que em desaceleração, passando de 17,2% para 11,6%, com perda de fôlego em automóveis (8,7%) e eletrodomésticos da linha branca (5,1%).

Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Março 2025 (%)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	1,2	3,1	1,9	3,1
Bens de Capital	-0,7	-0,2	5,2	10,8
Bens Intermediários	0,3	3,7	1,3	2,1
Bens de Consumo	3,2	2,3	2,2	3,7
Bens de Consumo Duráveis	3,8	2,8	11,6	13,3
Semiduráveis e não duráveis	2,4	2,2	0,6	2,2
Extrativa Mineral	2,8	5,4	-1,0	-1,3
Transformação	0,9	2,7	2,5	3,9

Fonte: IBGE

Nos **bens intermediários**, o crescimento caiu **de 2,8% para 1,3%**, enquanto os **bens de consumo semi e não duráveis apresentaram recuperação**, de -0,2% para 0,6%. A redução dos estoques industriais em março, com apenas 20% dos setores relatando excesso, pode favorecer a produção no curto prazo, mas a piora dos indicadores de confiança empresarial em abril sinaliza riscos à continuidade da recuperação.

Tabela nº 2 - Índices de preços

Índice de Preço (%)	2024										2025		
	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
IGP-DI	0,72	0,87	0,50	0,83	0,12	1,03	1,54	1,18	0,87	0,11	1,00	-0,50	0,39
INCC-DI	0,52	0,86	0,71	0,72	0,70	0,58	0,68	0,40	0,50	0,83	0,40	0,39	0,52
IGP-M	0,31	0,89	0,81	0,61	0,29	0,62	1,52	1,30	0,94	0,27	1,06	-0,34	0,24
IPC-M	0,32	0,44	0,46	0,30	0,09	0,33	0,42	0,07	0,12	0,14	0,91	0,80	0,46
IPA-M	0,29	1,06	0,89	0,68	0,29	0,70	1,94	1,74	1,21	0,24	1,17	-0,73	0,13
INCC-M	0,41	0,59	0,93	0,69	0,64	0,61	0,67	0,44	0,51	0,71	0,51	0,38	0,59
IPC-FIPE	0,33	0,09	0,26	0,06	0,18	0,18	0,80	1,17	0,34	0,24	0,51	0,62	0,45
INPC	0,37	0,46	0,25	0,26	-0,14	0,48	0,61	0,33	0,48	0,00	1,48	0,51	0,48
IPCA	0,38	0,46	0,21	0,38	-0,02	0,44	0,56	0,39	0,52	0,16	1,31	0,56	0,43

Fontes: Ipeadata e Bacen

Tabela nº 3 e 4 - Indicadores de Confiança

Meses	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
ABR/24	4,50	80,33	2.332,27
MAI/24	4,27	85,36	2.326,51
JUN/24	4,34	81,44	2.329,48
JUL/24	3,82	77,02	2.424,01
AGO/24	3,76	72,95	2.580,52
SET/24	4,21	74,14	2.674,35
OUT/24	4,28	72,65	2.699,11
NOV/24	4,53	73,05	2.629,95
DEZ/24	4,56	79,06	0,00
JAN/25	4,56	76,32	0,00
FEV/25	4,25	73,05	0,00
MAR/25	4,46	64,45	0,00
ABR/25	4,53	64,41	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil/FED

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos 12 meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
MAR/24	5,00	9,85	3,55	6,08	3,93	11,15	6,95
ABR/24	5,17	10,39	3,64	6,51	3,69	10,65	6,71
MAI/24	5,24	10,56	3,63	6,69	3,93	10,40	6,23
JUN/24	5,56	11,18	3,60	7,32	4,23	10,40	5,92
JUL/24	5,66	11,38	3,71	7,40	4,50	10,40	5,65
AGO/24	5,66	11,74	3,87	7,58	4,24	10,40	5,91
SET/24	5,45	12,17	3,95	7,91	4,42	10,40	5,73
OUT/24	5,78	12,67	4,33	7,99	4,76	10,65	5,62
NOV/24	6,05	13,85	4,69	8,75	4,87	11,15	5,99
DEZ/24	6,19	15,39	5,12	9,77	4,83	12,15	6,98
JAN/25	5,83	14,95	5,80	8,65	4,56	12,15	7,26
FEV/25	5,85	15,03	5,50	9,03	5,10	13,15	7,66
MAR/25	5,74	15,09	5,00	9,61	5,48	14,15	8,22

Fonte: Banco Central do Brasil

Referências

**BCB: SGS - Sistema Gerenciador
de Séries Temporais**

IBGE: IBGE | Portal do IBGE | IBGE

**IBGE: IPCA/IBGE - Portal de Finanças -
Índice nacional de preços ao consumidor**

**IEDI: IEDI - Instituto de Estudos
para o Desenvolvimento Industrial**

**CNI: Sondagem Industrial -
Portal da Indústria - CNI**

10

**ELABORAÇÃO:
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E
PESQUISA - FIEA/IEL**

GERENTE
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS
PABLO HENRIQUE COSTA FRANCIOLLY FONSECA
VANIelly CLESIA SANTOS DE ALMEIDA
RUAN WESLEY DE BARROS SILVA
WELDE MESSIAS VIEIRA DA SILVA

DIAGRAMAÇÃO
YASMIN NAYARA DE ARAÚJO COSTA

ANALISTAS
MORGANA MARIA MACHADO MOURA
JULIANA FERRO PEREIRA

REDAÇÃO
TALITA MARQUES DA COSTA

CONSULTOR
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR

**INSTITUTO EUVALDO LODI -
IEL**

DIRETOR REGIONAL
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

**GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL,
INOVAÇÃO E PESQUISA**
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS - FIEA**

PRESIDENTE
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO